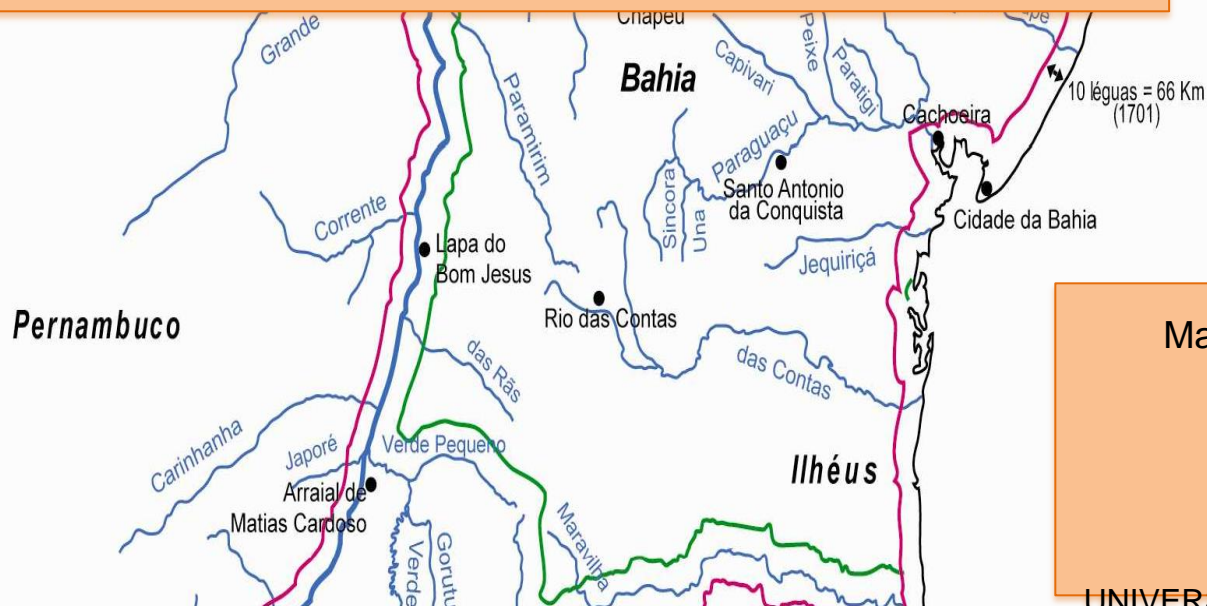


Formação do Português nos sertões baianos

Indícios sobre a participação dos povos Tapuias no contato com o português no âmbito do avanço luso-brasileiro nos sertões baianos seiscentistas



Zenaide de Oliveira Novais

Carneiro

Mariana Fagundes de Oliveira

Lacerda

Norma Lucia Fernandes de

Almeida



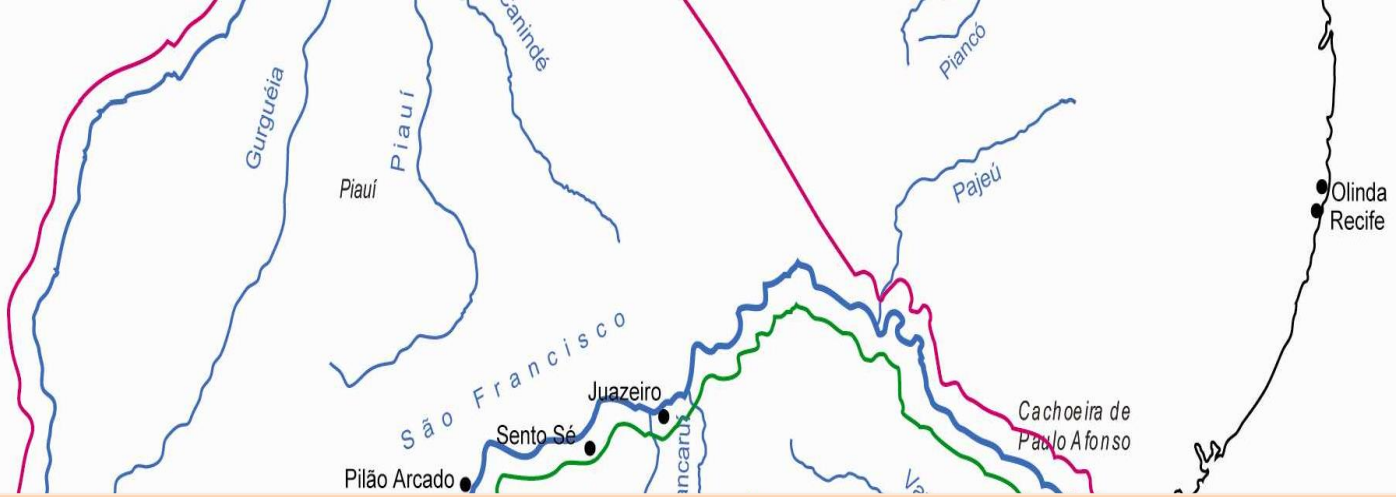
1 INTRODUÇÃO

2 A POPULAÇÃO INDÍGENA NOS SERTÕES BAIANOS SEISCENTISTAS

3 ALUSÕES AO PORTUGUÊS FALADO POR POVOS TAPUIAS NO BAIXO-MÉDIO E MÉDIO SÃO FRANCISCO

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS



SOBRE O TRABALHO

- ✓ Trata-se de uma pesquisa sobre menções à **interação linguística** **havia** **entre populações** **em contato**, **em ambiente multilíngue**, **nos antigos domínios de povos indígenas “Tapuias”**, **no sertão da Bahia**, **no século XVII**.

- ✓ **Rastrear indícios do português falado como L2, em múltiplas situações distintas, em um momento que pode ser caracterizado como o que antecede a constituição da vertente popular do português brasileiro.**

- ✓ Indícios nos termos propostos por Ginzburg (1989), compatíveis com um contexto que, de modo geral, pode ser tomado como aquele proposto para a fase anterior ao português popular, o chamado *português geral brasileiro*, nos termos de Mattos e Silva (2002).

Mattos e Silva (2001, p. 298-299)

Português geral brasileiro

Português popular brasileiro

Forma de aquisição

Oralidade/aquisição imperfeita

Atores em cena no Brasil Colonial

- a. *português europeu*
- b. *as línguas gerais indígenas*
- c. *português geral brasileiro*

“Cada um desses atores recobrando uma incomensurável diversidade que não temos como demonstrar rigorosamente, mas que podemos inferir aproximadamente”

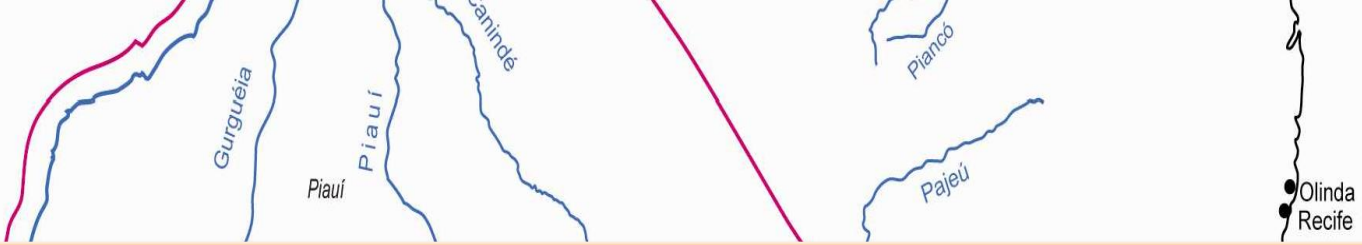
(Mattos e Silva 2002, p.448)

Mattos e Silva (2001, p. 298-299)

Difusão no Período Colonial
Geral do Brasil

Grupo principal

Sobretudo africanos e afro-descendentes
média de 60% da população



Sub-médio São Francisco - atuação de múltiplas ordens religiosas, com aldeias interligadas, com atividade intensa até 1749.

Jesuítas, capuchinhos franceses e italianos, oratianos e franciscanos)

Outras ocupações, contatos e conflitos

Sertanistas paulistas autônomos e pecuária, etc. GUERRA DOS BÁRBAROS, NÚCLEOS QUILOMBOLAS, tendo os AFRICANOS e seus descendentes assumido maior papel no século XIX (Carneiro e Almeida, [2002], 2008)



É possível falar desses atores no baixo-médio e baixo São Francisco?

1) Quem teria falado o Português geral brasileiro?

Indígenas, africanos e descendentes mestiços e não mestiços – variedades – super diversificadas

2) Tipo de aquisição

L2 simplificado

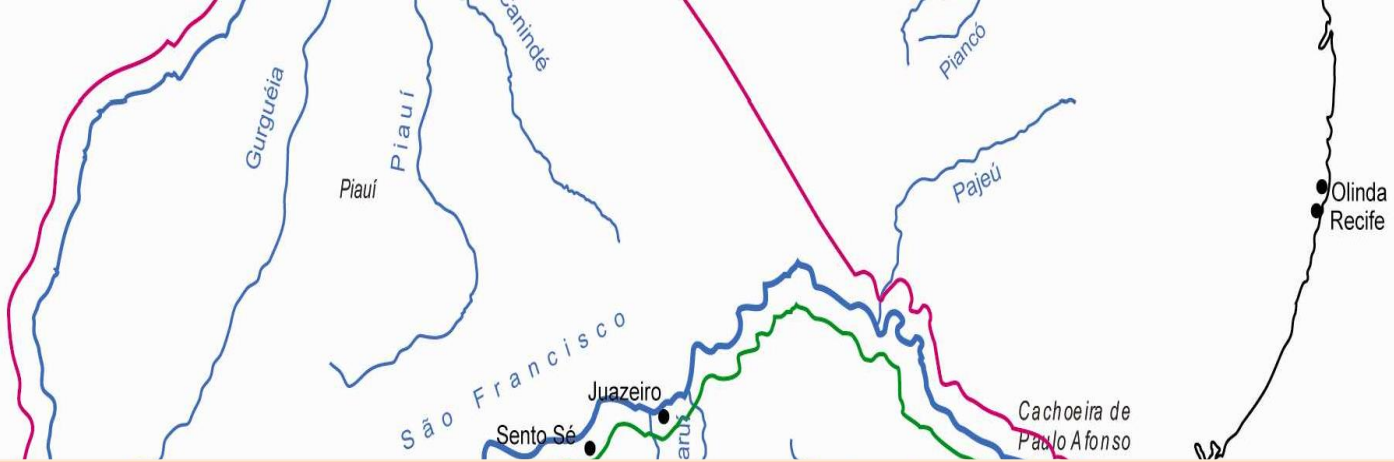
3) Input para novas aquisições do português como L1

Dando origem ao português popular, conseqüentemente, variável e plural, tendo a variedade africana exercido maior papel no século XIX (Carneiro e Almeida,



OS SERTÕES: antes de 1640

Multilinguismo exclusivo de línguas indígenas

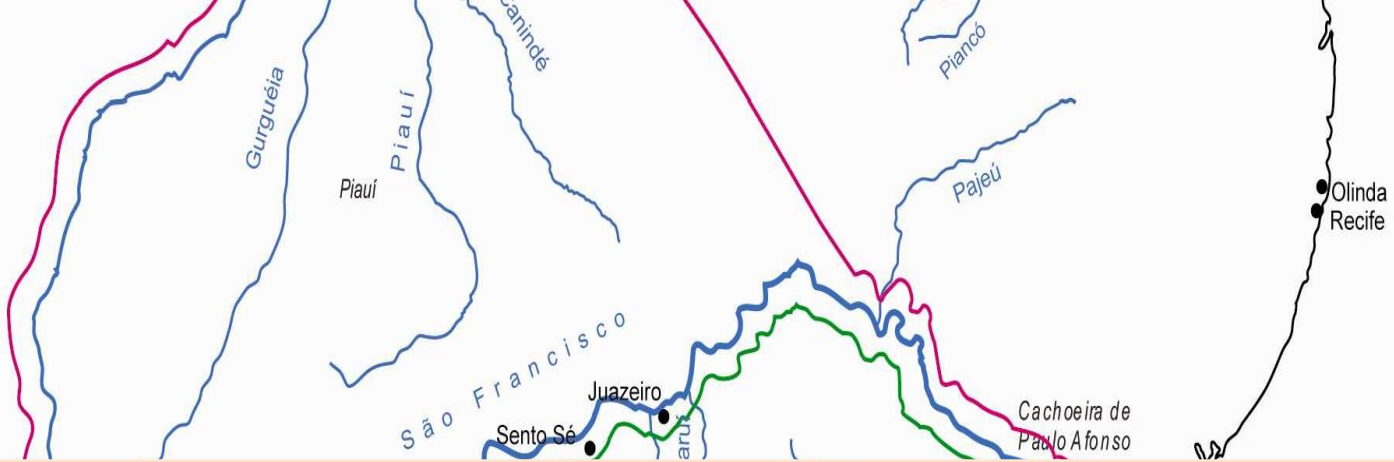


DIVERSAS LÍNGUAS E NAÇÕES

Acaroázes (Acoranes), Anaupirás (Amoipirás), Aricobés, Aroderas (Rodelas, Rodeleiros), Cajurús, Massacarás, Ocrens, Pankararés, Pontas, Sacragrinhas (Sacararinhas, Cecachequirinhens, Sequakirihens), Tupinás (Tupinais), Tupinambás e Tuxás, Abacatiaras Dzubukua-Kiriri, entre dezenas de outros.

Para o **Médio e Baixo São Francisco**
Pompa (2003, p. 237)

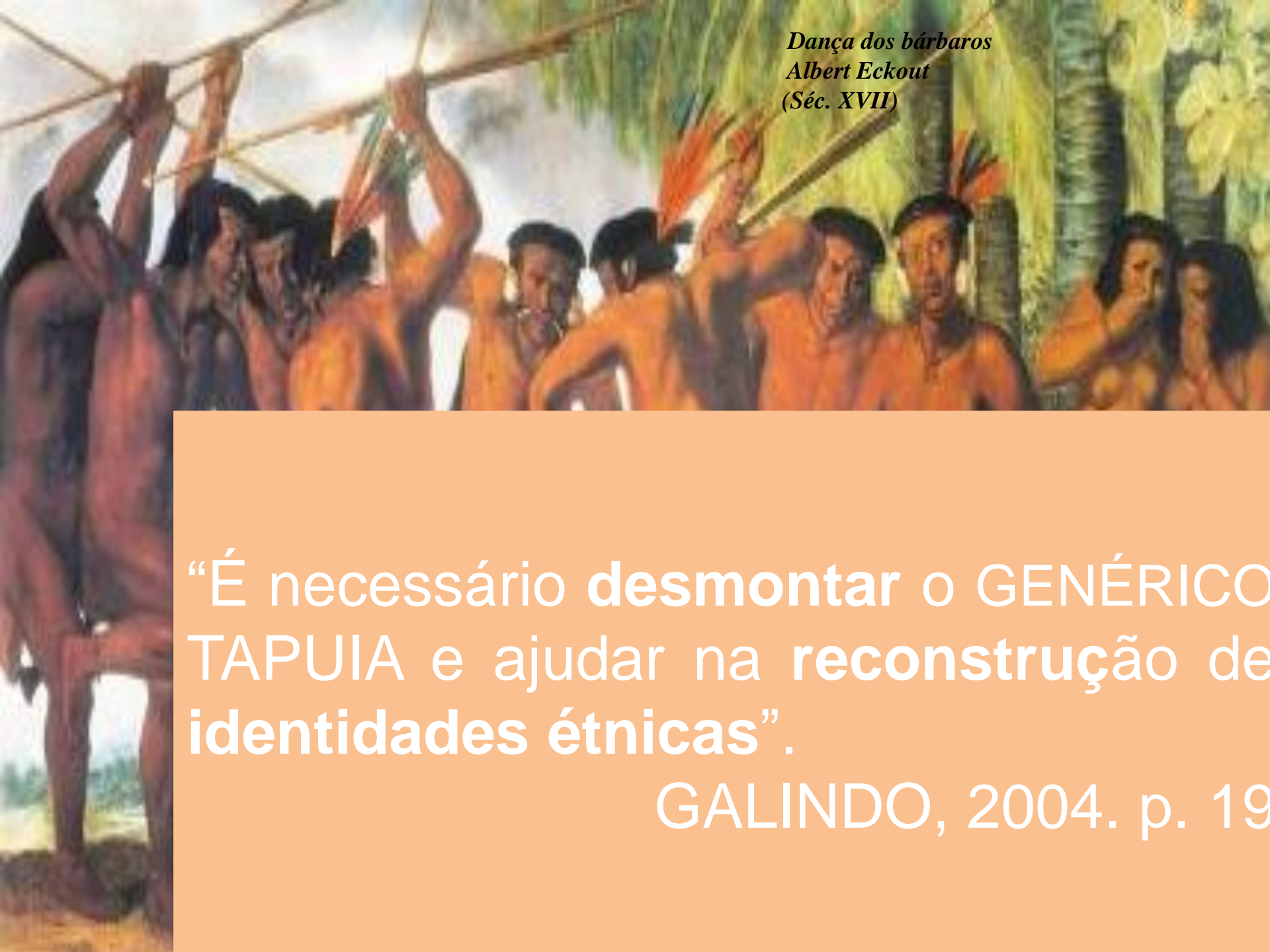
43 NAÇÕES DISTINTAS/LÍNGUAS
não incluídos na listagem os grupos mais
afastados:
Tarairiús, Janduís, entre outros



POPULAÇÕES: números aproximados

População do Brasil, em 1500 no Vale do São Francisco e na Bahia, extraído de Hemming (2007 [1978, p. 730-731])

Etnias	Estimativas para 1500 (Milhares)
VALE DO SÃO FRANCISCO	
Tupinás	10 mil
Xocós	8 mil
Amoipiras	12 mil
Ubirajaras	2 mil
Fulniôs	10 mil
Pancararus	15 mil
Xucurus	5 mil
Massacarás, oris	4 mil
Tuxás	2 mil
Uaconás	3 mil
Aticuns	5 mil
Pacararas	2 mil
Cambiuás	2 mil
Tribos extintas do Rio São Francisco	20 mil
TOTAL PARCIAL	100 mil
BAHIA	
Tupinambás do Recôncavo, paraguaçus, etc.	85 mil
Tupinambás do rio Real, cirijis	30 mil
Paiaias	12 mil
Caimbés	5 mil
Gueréns	10 mil
Cariris etc. de Arabó	25 mil
TOTAL PARCIAL	167 mil
TOTAL GERAL	267 mil



Dança dos bárbaros
Albert Eckhout
(Séc. XVII)

“É necessário **desmontar** o GENÉRICO TAPUIA e ajudar na **reconstrução** de identidades étnicas”.

GALINDO, 2004. p. 19



Duas histórias/Dois tempos

Tupi/Costa/século XVI

Versus

“Tapuias”/Interior/século XVII



Tupi

Tapuias

Litoral

Interior

Mata tropical

Caatinga [e cerrado]

Homogeneidade cultural e linguística

Diversidade

Imposição de contato direto e sistemático com o europeu

Quase ausência inicial de contato e de informações seguras

Alvo da curiosidade do europeu

Presença fugaz e diversidade idiomática desestimuladoras da curiosidade europeia

Fonte: Santos (2010, p. 45, elaborado a partir de Dantas, Beatriz G.; Sampaio, José Augusto L.; Carvalho, Maria Rosário G. de. Os povos indígenas no nordeste brasileiro. In: Cunha, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: Fapesp, 1992. p. 431-456.

A painting depicting a group of indigenous people in a tropical setting. The scene is filled with men and women, some holding spears and bows, others in traditional attire. The background shows a dense forest with palm trees and a thatched roof structure. The overall tone is warm and historical.

SERTÕES BAIANOS

ATÉ – 1640

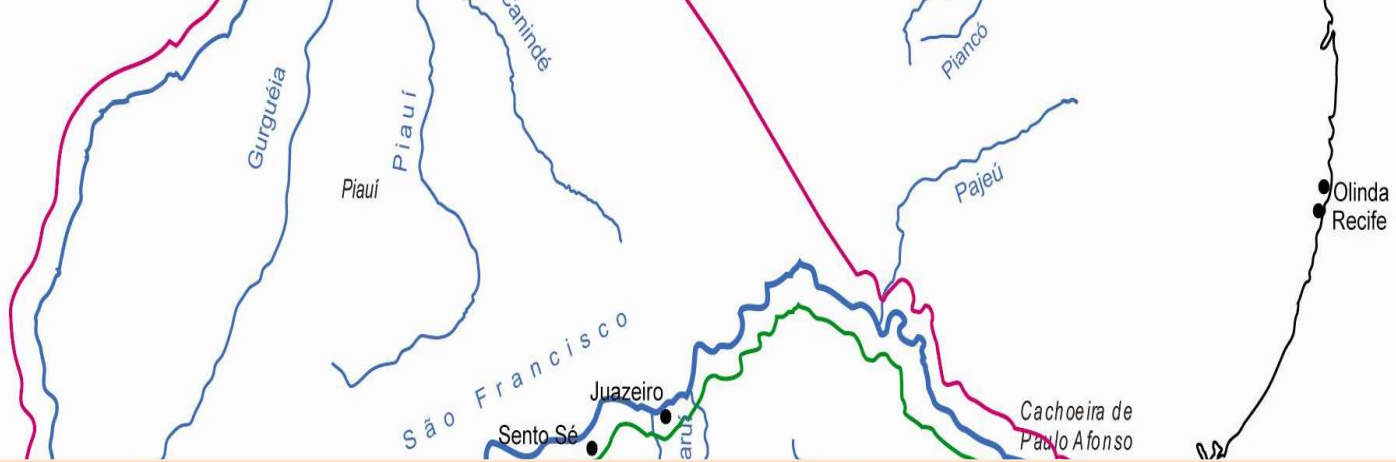
**TERRITORIALIDADES
INDÍGENAS**

Majoritariamente não tupi

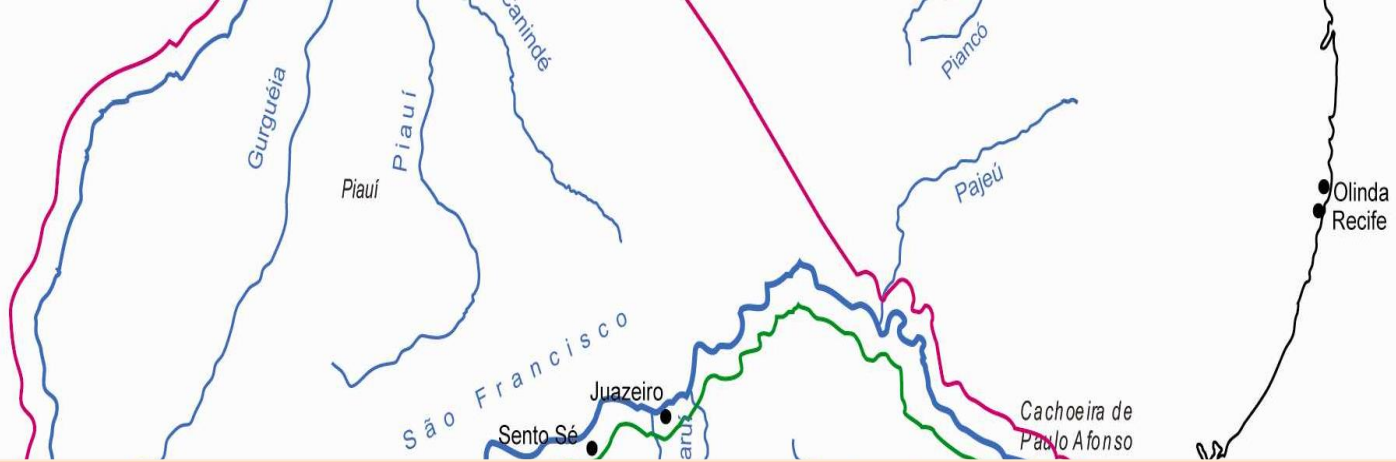
(Santos 2010)

1) Fase pré-contato

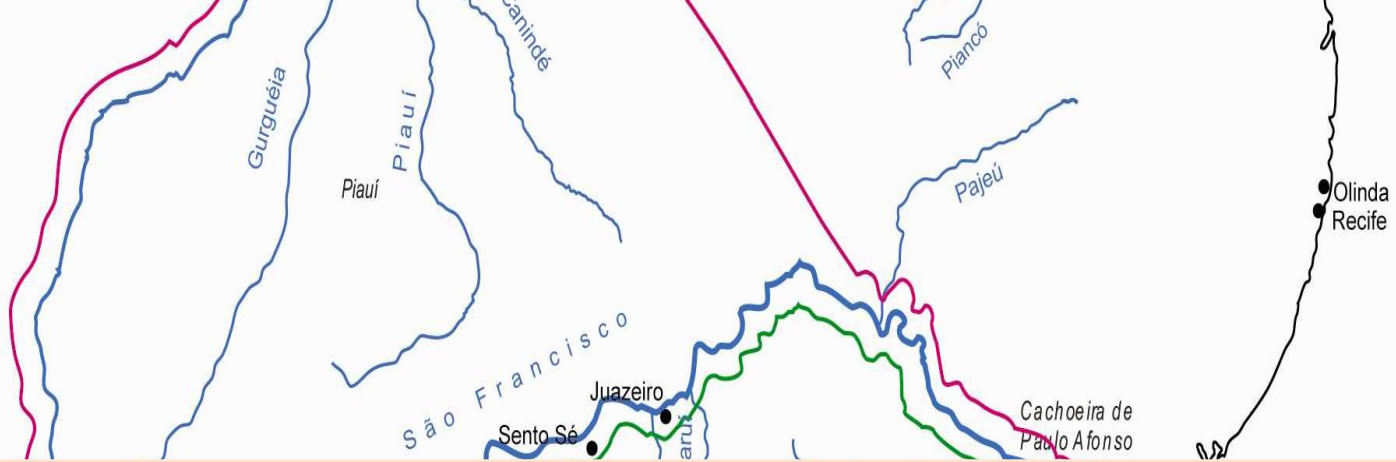
- a) **Entre 5.000 ou 3.000 até 1553** - *universo exclusivamente multilingue de línguas indígenas, com dezenas de línguas faladas por milhares de indígenas*
- b) **1553-1640** *com entradas esporádicas e descimentos*



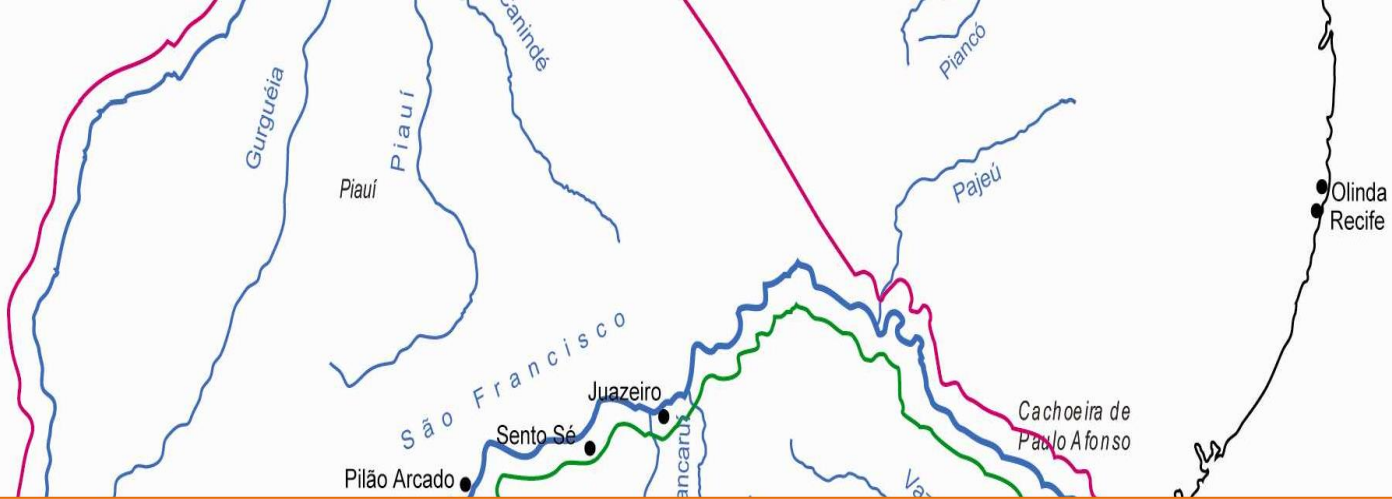
AVANÇO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA REGIÃO



OS SERTÕES: 1640 – 1749



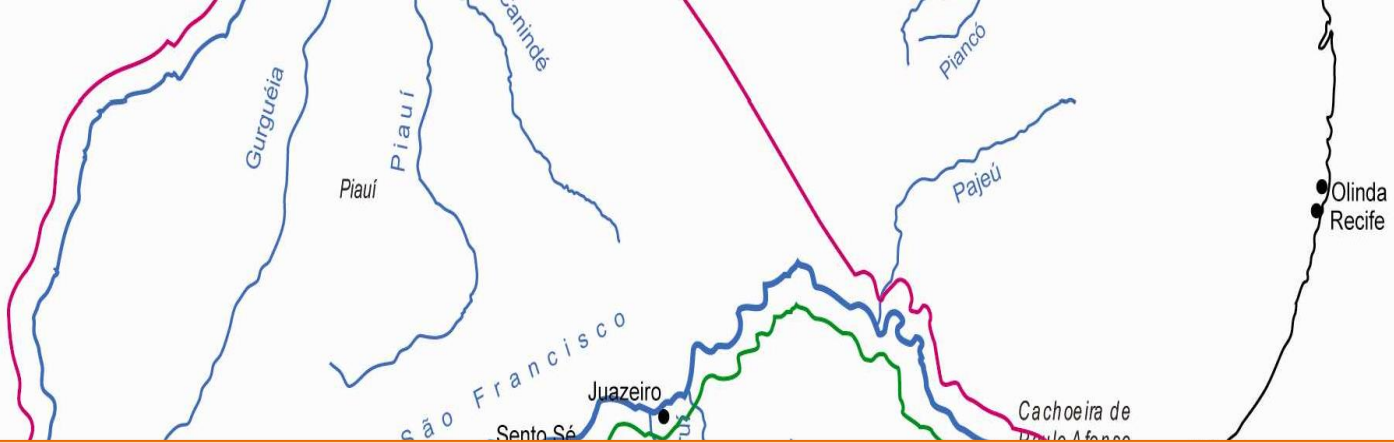
QUE SERTÕES ERAM ESSES?



*Interior da capitania da Bahia
Piauí*

*Norte do atual estado de Minas Gerais
Margem esquerda do médio São
Francisco*






OCUPAÇÃO
multidirecional, descontínua, reversível
e irregular
(SANTOS, 2010)

Qual o impacto desse tipo de trajetória na formação e difusão do português popular na região?





Período: marco zero – 1640 (cem anos depois da costa) até 1749

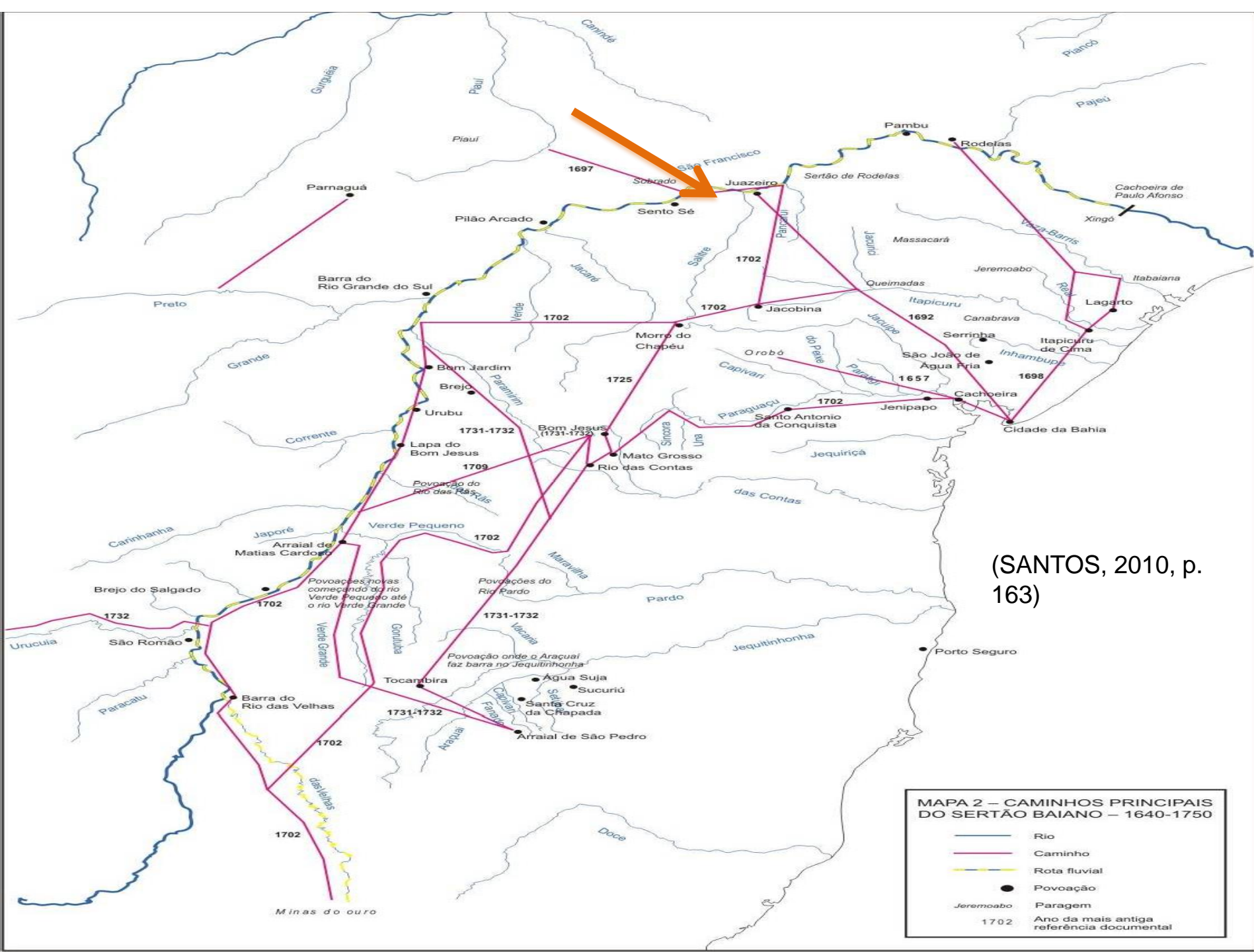
- ✓ *Caminho*
- ✓ *A sesmaria*
- ✓ *A povoação*
- ✓ *O posto militar*
- ✓ *A missão religiosa*





✓ Caminhos (1640-1750)

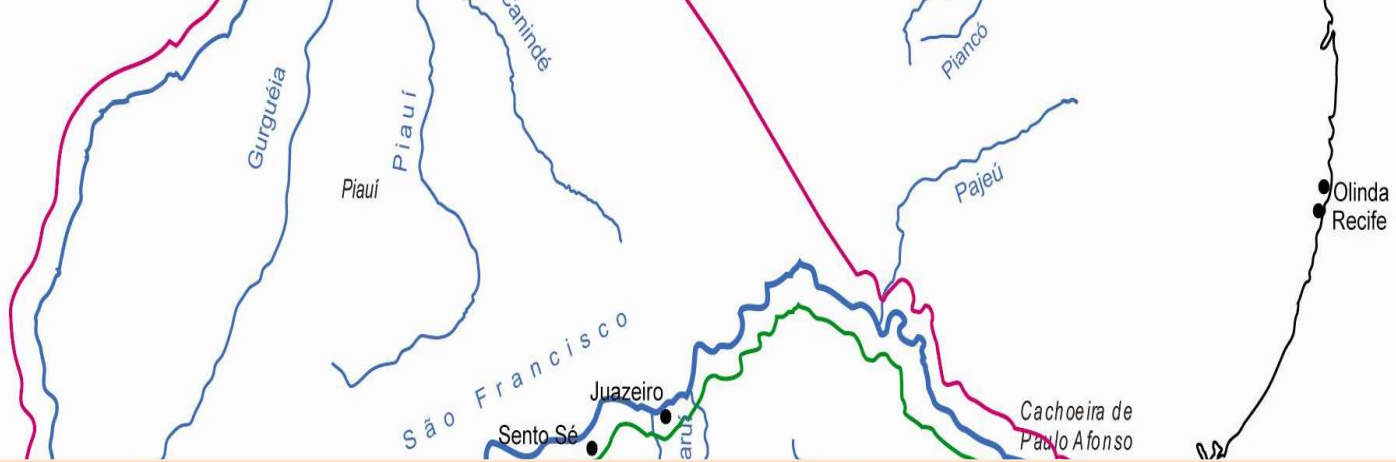




(SANTOS, 2010, p. 163)

MAPA 2 – CAMINHOS PRINCIPAIS DO SERTÃO BAIANO – 1640-1750

- Rio
- Caminho
- - - Rota fluvial
- Povoação
- Paragem
- 1702 Ano da mais antiga referência documental



ESPAÇO REFERIDO NESTE TRABALHO

Área de Estudo – Médio-baixo e Baixo São Francisco / “Sertão de Rodelas” “TAPUIAS”



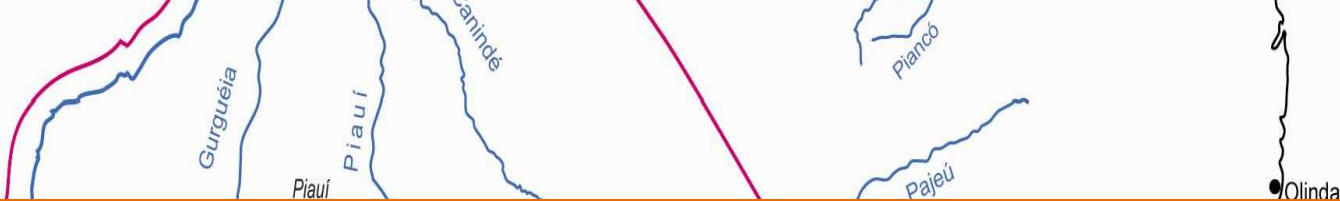
Tapias
Albert Eckout
(Séc. XVII)

● Olinda
● Recife

Submédio e baixo São Francisco

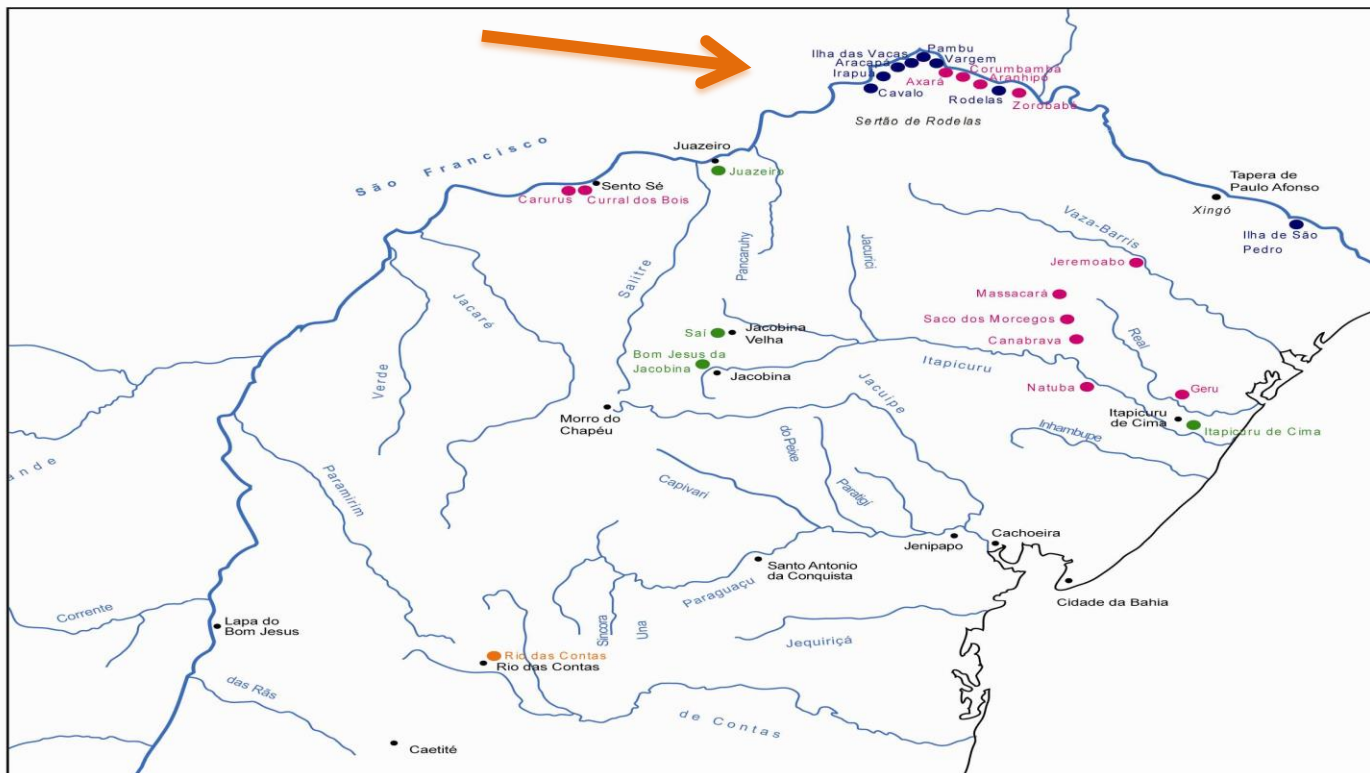


Fonte do Mapa:
Adaptado de Santos, 2010, p. 28



✓ *Ordens religiosas (1640-1750)*





Santos, 2010, p. 305)

MAPA 9 – DISTRIBUIÇÃO DE MISSÕES RELIGIOSAS NO INTERIOR DA BAHIA – 1660-1750

- Unidade jesuítica
- Unidade capuchinha francesa
- Unidade franciscana
- Unidade capuchinha italiana
- Lugar
- Xingó Paragem
- Rio

DO QUE VAMOS TRATAR:

De situações de contato linguístico
Sertão de Rodelas

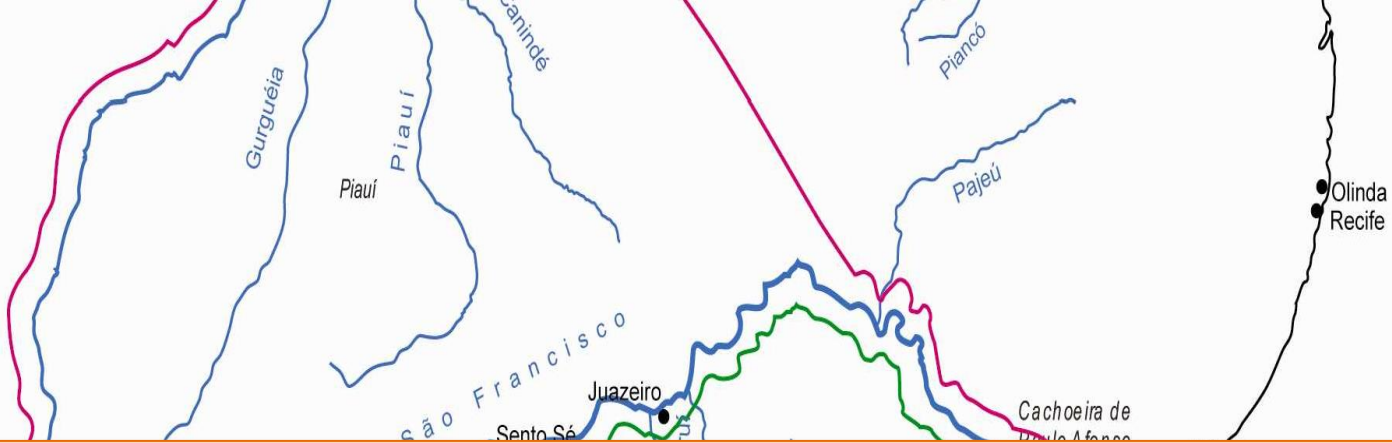
1671 – 1690

Intensificação do contato luso-brasileiro

Língua portuguesa e línguas do tronco Macro-Jê

Povos em contato

Indígenas não tupi, sobretudo, além de africanos e



Outros exemplos de distribuição das etnias no terço do mestre-de-campo Morais Navarro (Século XVII).

Fonte: Livro do escrivão do terço, mestre-de-campo Manuel Álvares de Morais Navarro, IHGRN, caixa 34 (Pedro Puntoni, 2002, p. 206).



Grupos	%	Descrição	Número	%
Branços	23,5	alvos	50	23,5
Índios¹	54,0	índio (genérico)	37	17,4
		canindé	8	3,8
		cariri	27	12,7
		do silva	4	1,9
		paiacu	15	7,0
		tapuia	24	11,3
Mestiços	13,6	<i>amulatado</i>	1	0,5
		<i>moreno</i>	7	3,3
		<i>trigueiro</i>	7	3,3
		<i>pardo</i>	11	5,2
		<i>cariboca</i>	3	1,4
Negros	8,9	<i>preto</i>	19	8,9
Total	100,0%		213	100,0%

Antes do século XIX

CONTATO LINGUÍSTICO ENTRE O PORTUGUÊS E LÍNGUAS INDÍGENAS

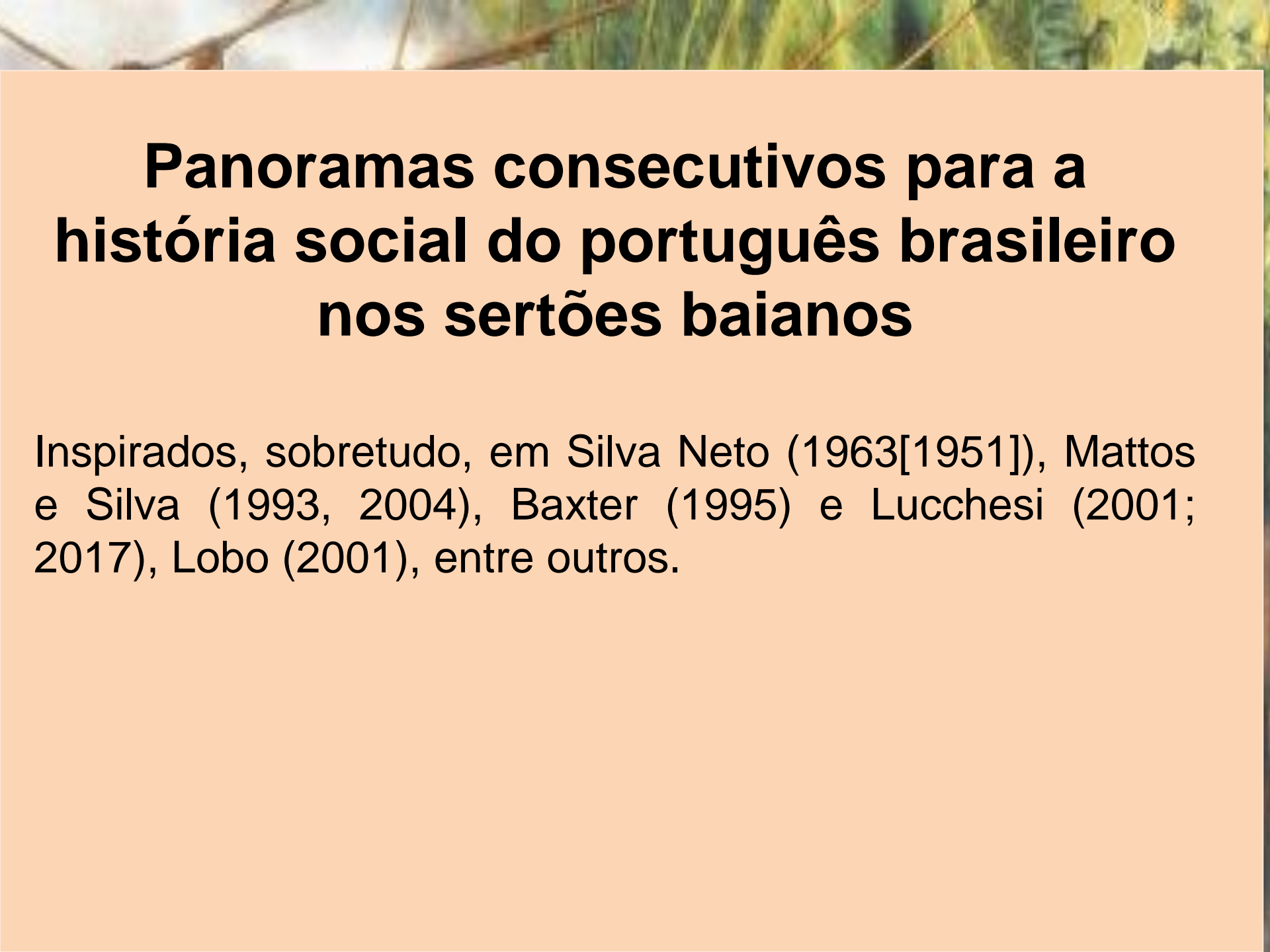
GUERRA DOS BÁRBAROS

Orobó (1657-1659)

Aporá (1669-1673)

São Francisco (1674-1679) - soldados, missionários, moradores e diversos grupos indígenas, conforme Puntoni (2002, p.89-122).

MARCO DE UMA PROVÁVEL DESCONTINUIDADE
1758 (Política pombalina)

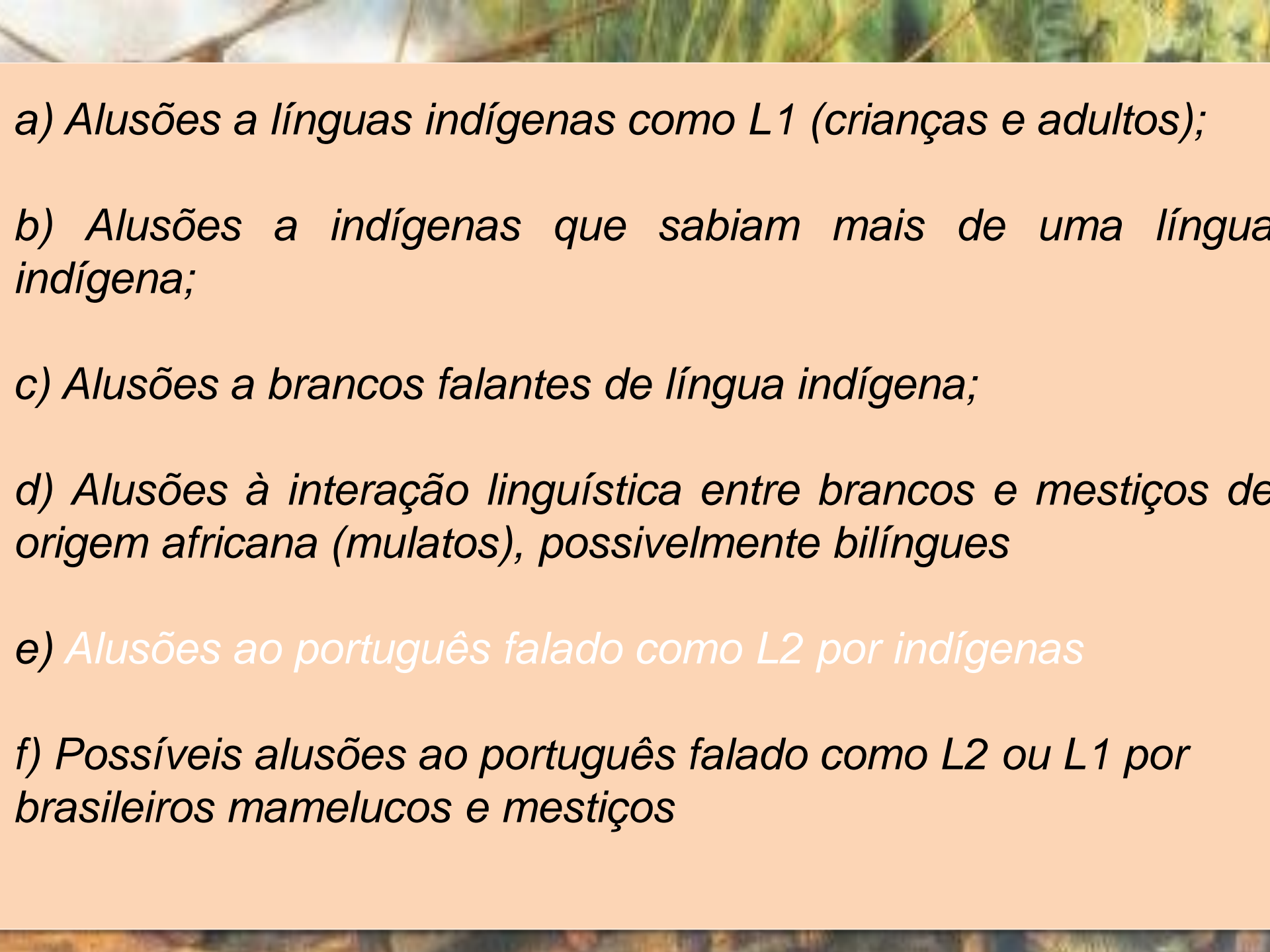


Panoramas consecutivos para a história social do português brasileiro nos sertões baianos

Inspirados, sobretudo, em Silva Neto (1963[1951]), Mattos e Silva (1993, 2004), Baxter (1995) e Lucchesi (2001; 2017), Lobo (2001), entre outros.

**DOCUMENTO NO QUAL SE BASEIA
ESTE TRABALHO**

- ✓ Relação de uma Missão no Rio São Francisco: relação sucinta e sincera da missão do padre Martinho de Nantes.
- ✓ É de autoria do Padre Martinho de Nantes, pregador capuchinho, missionário apostólico no Brasil entre os índios chamados cariris”, que descreve a sua partida em 1690.
- ✓ Missionário capuchinho Frei Martinho de Nantes, vindo de Pernambuco, ao aldeamento da região do Médio São Francisco, tendo lá permanecido na metade do século XVII, em **convívio direto com os indígenas** (entre 1671 e 1690).

- 
- a) *Alusões a línguas indígenas como L1 (crianças e adultos);*
 - b) *Alusões a indígenas que sabiam mais de uma língua indígena;*
 - c) *Alusões a brancos falantes de língua indígena;*
 - d) *Alusões à interação linguística entre brancos e mestiços de origem africana (mulatos), possivelmente bilíngues*
 - e) *Alusões ao português falado como L2 por indígenas*
 - f) *Possíveis alusões ao português falado como L2 ou L1 por brasileiros mamelucos e mestiços*

Relação do Frei Martinho de Nantes – Ilha de Aracapé (1671-1680) – Missão dos Índios Cariri (Kariri)

Publicações: 1ª relação (1687) e 2ª Relação (antes de 1706)

a) Alusões a línguas indígenas como L1 (adultos e crianças)

Alusões às línguas faladas como L1 e L2

- **Há muitas crianças de sete anos** que sabem muito bem confessar-se e que sabem também servir à missa; pronunciam distintamente e pausadamente as palavras, fazem as orações respectivas e aprendem facilmente a doutrina cristã **em seu próprio idioma**. (<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/pagina/17/texto>).

- Esse homem foi tomado de tal terror ao ouvir o tom de minhas palavras, **pois não entendia o português**, que não pôde sair do lugar e foi preciso levá-lo daí, e morreu poucos dias depois, vítima da própria imaginação. (<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/pagina/6/texto>).

- **porque depois que aprendi, com muito esforço, a sua língua, por falta de intérpretes**, eu lhes fiz ver tão claramente o absurdo de seus erros, a extravagância de seu culto e o horror de suas abominações, que eles mesmos ficaram surpreendidos e se envergonharam de suas tolices; assim pouco a pouco as abandonaram; primeiro os que eram bem nascidos, abrindo mais facilmente o coração à graça, que em seguida fez maravilhas nesses bons corações, como uma boa semente numa boa terra; e nos outros com mais relutância; por fim os últimos não se renderam senão aos castigos que lhes abriram os olhos. (<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/pagina/8>).

- Para isso todos **os nossos missionários entre os cariris se empenharam em aprender a sua língua, sem o uso da qual era impossível transformá-los em verdadeiros cristãos** (<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/pagina/18>).



b) Alusões a indígenas que sabiam mais de uma língua indígena

- Dirigi então a palavra **aos tamaquiús na língua dos cariris, que eles entendiam**, e lhes disse que eles estavam cegos e que, depois de usados para destruir os outros índios, seriam também destruídos. Recordei os exemplos que eles já conheciam. Em seguida, voltando-me para o moço português, disse-lhe com voz alta e ainda mais enérgica: "Podeis vir, meu amigo, com os vossos tamaquiús e os que quiserem vos seguir, certos de que nos encontrarão firmes e decididos. Não será uma luta com índios, fáceis de enganar, mas com gente que, com a minha presença e a de meus companheiros, sabemos tanto quanto vós, como não ignorais. Saberemos prever e prevenir vossos ardis, que serão grosseiros para nós. Podeis estar certos de que não admitiremos que sejam massacrados os nossos filhos espirituais, nem que se transformem em escravos. Vou comunicar vossas intenções e vosso procedimento ao senhor governador." Não omiti coisa alguma para que verificasse que não o tínhamos. (<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/pagina/58/texto>).

pobre índia, de outra nação, que estava, havia pouco, **com os cariris e que entendia a sua linguagem** e que (...) (<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/pagina/13>)

Dirigi então a palavra aos tamaquiús na língua dos cariris, que eles entendiam, e lhes disse que eles estavam cegos e que, depois de usados para destruir os outros índios, seriam também destruídos. Recordei os exemplos que eles já conheciam. Em seguida, voltando-me para o moço português, disse-lhe com voz alta e ainda mais enérgica: "Podeis vir, meu amigo, com os vossos tamaquiús e os que quiserem vos seguir, certos de que nos encontrarão firmes e decididos. (<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao>

c) Alusões a brancos falantes de língua indígena

- Quando o capitão índio, que veio acompanhado de três de seus governados, me viu na sala, não ocultou a sua surpresa. Todos sentados, Francisco Dias de Ávila pediu **a um capitão de ordenança português, que sabia bem a língua dos cariris**, para lhes dizer, de minha parte, que eles teriam que me obedecer, sem me dar desgosto. Acrescentou algumas outras coisas, a que os índios não deram muita atenção. (<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/pagina/47/texto>).

Quando o capitão índio, que veio acompanhado de três de seus governados, me viu na sala, não ocultou a sua surpresa. Todos sentados, **Francisco Dias de Ávila pediu a um capitão de ordenança português, que sabia bem a língua dos cariris**, para lhes dizer, de minha parte, que eles teriam que me obedecer, sem me dar desgosto. Acrescentou algumas outras coisas, a que os índios não deram muita atenção. (<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/pagina/47>).

f) Alusões ao português falado como L2 por indígenas

“**Começo da missão.** Encontrou em nossa confraria o padre Teodoro, capuchinho que havia chegado recentemente, procurando oportunidade para se tornar missionário. Com a permissão do superior de Pernambuco, partiu acompanhado desse capitão, que c fez escoltar por uma dúzia de índios, chamados caboclos, seus vizinhos e amigos, pertencentes a aldeias de que tínhamos a administração, a dez e onze léguas de Pernambuco, com a presença dos citados cariris. (...) Fiquei somente oito meses nessa aldeia com o padre Teodoro; mas, tendo sabido desses *mesmos índios, um dos quais falava alguma coisa de português*, que havia no rio S. Francisco uma grande quantidade de aldeias de sua mesma nação, resolvi transferir-me para lá” – Relato de Martim de Nantes. (<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/pagina/2/texto>).

- Meu índio lhes falou; eles ouviram com muita atenção, pois que não costumam interromper os que lhes falam. Enfim, manifestaram pelos seus modos e pelo que *o meu índio me pôde fazer compreender em português, que conhecia um pouco*, que me consideravam bem-vindo. Sobretudo o capitão, chamado por eles Urara, isto é, tambor, e que mais adiante foi batizado com o nome de Tomé Alvares, dando demonstrações singulares de sua alegria. Esse capitão viveu santamente, ajudando muito os missionários, depois do batismo. Tinha oito filhos, todos bons cristãos. Levei um deles para Portugal, quando regresssei, por força de doenças que me impediam de continuar meu trabalho. Chamava-se Antônio e mais adiante falarei desse jovem índio. (<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/pagina/37/texto>).

- Ensinei-lhes depois o *Pater, a Ave, o Credo*(*)e todas as rezas de um cristão, sucessivamente, **em língua portuguesa, não havendo ainda aprendido a deles**; era, de resto, o que faziam os portugueses, entre os quais me encontrava. (<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/pagina/37/texto>).

- **"... ouvei, embora fosse mal a pronúncia, para conseguir que os outros se animassem a dizer as rezas, os velhos se lastimando se eu não lhes desse oportunidade. Assim, não somente os moços, mas ainda os idosos de um e outro sexo, aprenderam a rezar em português**, o que foi facilitado pelo costume que adotamos..."(<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/pagina/38>).

- "... ia com o padre Teodoro; mas, tendo sabido desses mesmos índios, um dos quais **falava alguma coisa de português**, que havia no rio S. Francisco uma grande quantidade de aldeias de sua mesma nação, resolvi transferir-me para lá. Minha partida para o rio de S. Francisco

<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/busca>

- **Minha chegada a Uracapá** - Tapicuru já havia prevenido o capitão e toda a aldeia de minha chegada, transmitindo-lhes o que o meu índio lhes havia narrado. Reuniram-se logo em torno de mim, quando cheguei à aldeia, olhando-me com espanto; os meninos, até à idade de doze anos, quase todos fugiram e só retornaram depois de tranquilizados. Meu índio lhes falou; eles ouviram com muita atenção, pois que não costumam interromper os que lhes falam. Enfim, manifestaram pelos seus modos e pelo que *o meu índio me pôde fazer compreender em português, que conhecia um pouco, que me consideravam bem-vindo*. Sobretudo o capitão, chamado por eles Urara, isto é, tambor, e que mais adiante foi batizado com o nome de Tomé Alvares, dando demonstrações singulares de sua alegria. Esse capitão viveu santamente, ajudando muito os missionários, depois do batismo. Tinha oito filhos, todos bons cristãos. Levei um deles para Portugal, quando regresssei, por força de doenças que me impediam de continuar meu trabalho. Chamava-se Antônio e mais adiante falarei desse jovem índio. <http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/pagina/36/texto>

<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/pagina/37/texto>

d) Alusões à interação linguística entre brancos e mestiços de origem Africana (mulatos), possivelmente bilíngues

- “pois sempre aparece, nessas ocasiões, **um grande número de portugueses**¹, que trazem guitarras e violões para a solenidade e que cantam muitos motes, e dão tiros de fuzil para maior demonstração de alegria. (<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/pagina/18/texto>).


“Na Semana Santa, desde a quarta-feira até o sábado, nos reunimos todos os missionários numa aldeia escolhida alternadamente, conquanto de preferência em Uracapá (...) **vêm portugueses¹ de vinte e trinta léguas de distância**; todas as cerimônias são executadas com muita devoção. Praticam-se disciplinas durante três noites seguidas, tanto os portugueses como os próprios índios, pois que fazem voluntariamente tudo o que veem fazer. Assim esse tempo santo decorre santamente e com muita devoção.<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/pagina/16/texto>.

- “Preparávamos aí as nossas refeições, que não consistiam senão de um pouco de carne-seca, que em pouco tempo se cozinhava, e de farinha de mandioca. Chegou então um homem honesto, **português²**, chamado Francisco Rodrigues. Pouco depois veio **um mulato** chamado Felipe da Costa, homem inteligente, e em seguida um **índio chamado Tapicuru**; ficaram todos surpreendidos e contentes quando me viram, nunca havendo encontrado um capuchinho. **O português³** me perguntou o motivo de minha presença. Declarando-o, ele manifestou toda a sua alegria e me pediu para que me instalasse na ilha de Pambu, bem defronte, onde havia uma bonita aldeia de cariris. Garantiu-me que todos os habitantes do rio teriam muita alegria com a minha presença e que, de sua parte, tudo faria para me ajudar. O mulato desejava também que eu ficasse mais perto de sua casa e que fosse estabelecer-me na ilha de Uracapá, onde havia uma bonita aldeia, a quatro léguas acima de Pambu. (<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/pagina/36/texto>).

- Seu irmão, chamado Uracapá, e do qual a ilha tomara o nome, morrera uns seis meses antes de minha chegada e não havia deixado senão uma filha, casada com um corajoso rapaz, e tinha já dois filhos. Os índios estavam divididos na eleição de um novo capitão. Uns diziam que deveria ser o genro do defunto; outros queriam que fosse o irmão, uma vez que uma filha não podia suceder-lhe no governo. Não havendo acordo, resolveram concordar com a arbitragem da divergência e escolheram **três portugueses, seus vizinhos e amigos**.


- A aldeia ou burgo de índios fora descoberta no ano de 1670, por um português chamado Antônio de Oliveira, que, procurando pastagens próprias para o seu gado, encontrou, na ribeira da Paraíba, uma tropa desses índios, que pescavam a cinquenta léguas da aldeia da Paraíba. **Esse capitão, havendo obtido dos índios liberdade e segurança, para a colocação de rebanhos, depois de lhes haver oferecido alguns pequenos presentes, veio incontinentemente a Pernambuco, à procura de algum missionário, que quisesse estabelecer-se entre esses índios, para melhor proteção do gado que lhe pertencia.**

<http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco/pagina/1>



f) Possíveis alusões ao português falado como L2 ou L1 por brasileiros mamelucos e mestiços¹

Observação: Embora Martinho de Nantes não se refira a mamelucos, mas a “portugueses²” que, como vimos na Nota do Editor Barbosa Lima Sobrinha, podia designar os brancos e outros não índios, brasileiros e não necessariamente portugueses, há na historiografia referências a **híbridos**³, na citação de Capistrano de Abreu e outras. Essa população tanto podia falar o português como L2 ou como L1, fruto da aquisição imperfeita ou irregular, a partir de uma L2.



f) Possíveis alusões ao português falado como L2 ou L1 por brasileiros mamelucos e mestiços¹

Observação: Embora Martinho de Nantes não se refira a mamelucos, mas a “portugueses²” que, como vimos na Nota do Editor Barbosa Lima Sobrinha, podia designar os brancos e outros não índios, brasileiros e não necessariamente portugueses, há na historiografia referências a **híbridos**³, na citação de Capistrano de Abreu e outras. Essa população tanto podia falar o português como L2 ou como L1, fruto da aquisição imperfeita ou irregular, a partir de uma L2.



É interessante a definição de *híbridos*, habitantes do monte Rari/Araripe, no interior da Bahia, no testemunho a seguir, extraído de Pompa (2003: 204-205, do *Annua Littera provinciae brasiliae*, 158: 106), referente ao século XVII:

“O altíssimo monte Rari encontra-se distante 500 mil passos da Bahia, no interior do Brasil, e estende-se do sul para o norte 90. Seus habitantes, que são de fato numerosos, nos enviaram pelos caminhos inacessíveis e escarpados, conhecedores da região, desejando eles se mudar para estas bandas e sendo nisso impedidos pelos inimigos, que presidiavam o caminho (...). O caminho até lá é indescritível, através de grandes solidões (...) O Padre, tendo pedido aos inimigos dos Rarienses para deixá-los passar por suas fronteiras, o que era necessário para seu fim, conseguiu diligentemente. Estando pois tudo pronto para a viagem, chegaram os **Híbridos (trata-se de uma casta de Índios misturados com Lusitanos, que as pessoas de nossa terra chamam de mamelucos)** e tentaram atrapalhar tudo. Estes, com efeito, acostumados a zombar da simplicidade dos índios, mas suportavam que eles migrassem para outro lugar, (...). (Sem destaque no original).



Quadro Resumo



<p>(...) Até 1640 a) 5.000 ou 3.000 - 1553 - <i>universo exclusivamente multingue de línguas indígenas, com dezenas de línguas faladas por milhares de indígenas;</i> b) 1553-1640 <i>com entradas esporádicas e descimentos.</i></p>	<p>(...) de 1640 a 1700 <i>Multilinguismo (línguas indígenas majoritária, poucas línguas africanas, pouco português de brancos, português como L2 para não brancos -</i> <i>Português geral brasileiro - Geração do português popular</i> <i>- multilinguismo generalizado não mais exclusivo de línguas indígenas, em cuja cena linguística pode ter ocorrido a fase denominada por Mattos e Silva (2004) de português geral brasileiro, antecendente histórico do português popular;</i></p>	<p>(...) a partir de 1700-1758¹ <i>passagem de um multilinguismo generalizado a um multilinguismo localizado e maior domínio do português brasileiro popular.</i></p>	<p>(...)</p>
<p>Grande diversidade étnica e idiomática (a predominância de famílias <i>Kariri ~ Kiriri</i>, além do <i>Kipeá, Dzubukuá, Kamuru e Sapuyá, Proká e Pankararu, Okren, Sakrkrinha, Tamankin, Koripó, Masaakará, Kariri e Payaya, Apodi e Açu, Kariri, Ikó, Payaku, Kanindé, Otxukayana (Janduí, Tarariu, Inhamum, Calabaça, Xukuru</i>, entre outros.</p>	<p>a) <i>A lusões a línguas indígenas como L1 (crianças e adultos).</i> b) <i>A lusões a indígenas que sabiam mais de uma língua indígena.</i> c) <i>A lusões a brancos falantes de língua indígena.</i> d) <i>A lusões à interação linguística entre brancos e mestiços de origem africana (mulatos), possivelmente bilingues;</i> e) <i>A lusões ao português falado como L2 por indígenas.</i> f) <i>A lusões ao português falado como L2 ou L1 por brasileiros mamelucos e mestiços.</i></p>	<p><i>Indígenas remanescentes, mamelucos, brasileiros, brancos, africanos e afro-descendentes, mestiços em geral.</i></p>	<p>(...)</p>

ASSUMINDO-SE QUE HOUE UMA

FASE DO PORTUGUÊS GERAL BRASILEIRO TAMBÉM COM PARTICIPAÇÃO INDÍGENA

**Multifacetado?
Multidirecional?
Descontínuo?
REVERSÍVEL?**

**Em consonância com a ocupação dos sertões (1640-
1750)**

*Dando origem ao “português popular “plural” nos sertões
seiscentistas, vertente do PB formado de maneira*

“heterogênea e variável, plural e polarizada?”

Para Carneiro e Almeida (2008 [2002]):

Antes do século XIX

POSSÍVEL PARTICIPAÇÃO INDÍGENA

**MARCO DE UMA PROVÁVEL
DESCONTINUIDADE (a partir de 1758)
GUERRA DOS BÁRBAROS
IMPOSIÇÃO**

Para Carneiro e Almeida (2008 [2002]):

1890

MARCO FINAL DAS LÍNGUAS INDÍGENAS


*Domínio exclusivo do português brasileiro,
majoritariamente em sua vertente popular.*




FINALIZANDO COM NOVAS AGENDAS




1) Prospecção de novas fontes documentais que permitam identificar a participação de indígenas em documentos escritos no Brasil no período colonial




2) Quais populações estavam efetivamente envolvidas na sua aquisição do português como L2, a fase denominada de **português geral brasileiro**?



3) É possível propor um quadro demográfico, com base em indícios das populações de brancos, indígenas, africanos e mestiços em geral no período não censitário?



4) Mais dados sobre como se teria dado o contato linguístico que está na base de formação do português brasileiro na região, no século XVII




5) Como se deu o processo de *input* para as novas gerações que passaram a falar o português como L1, a partir de uma L2, nativizando, passando ao chamado português popular, resultado de aquisição imperfeita ou de transmissão linguística irregular?




6) Houve uma língua geral Cariri?

7) A língua geral dos paulistas teve um papel nos sertões?



E de forma adicional:

8) Se os africanos e afrodescendentes foram os principais difusores da língua portuguesa no Brasil – atuando profundamente na formação de sua variante majoritária, o português popular brasileiro –, haveria frentes diversas, propiciadas por diferentes situações de contato, que teriam suplantado a já rarefeita presença indígena e de seus descendentes?



E de forma adicional:

9) Ou as variantes diversas se entrecruzaram?

10) Como as políticas linguísticas influenciaram na difusão e no encontro de distintas variedades do português brasileiro, em sua vertente popular, no sertão baiano?

Referências

AHU - Arquivo Histórico Ultramarino – Projeto Resgate.

[ALENCASTRO](#), Luiz Felipe. *Continental drift ? The independence of Brazil, Portugal and Africa?*. In: Olivier Pétré-Grenouilleau. (Org.). *From Slave Trade to Empire*. 1ed. Londres: Routledge, p. 98-109, 2004.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo; Companhia das Letras, 525 p., 2000.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios aldeados no Rio de Janeiro Colonial*. Campinas. Tese de doutorado, Campinas: UNICAMP/IFCH, 2000.

ANCHIETA, José de. *Arte de grammatica da língua mais usada na costa do Brasil*. Coimbra, 1595.

ARGOLO Wagner. As línguas gerais na história social-linguística do Brasil. *PAPIA*, São Paulo, 26(1), p. 7-52, Jan-Jun, 2016.

ARGOLO, Wagner. A língua geral da Amazônia como um sistema historicamente novo: jesuítas e tapuias na origem do contexto com interrupção de transmissão linguística entre gerações. In: MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia; OLIVEIRA, Klebson; AMARANTE, José (Orgs.) *Várias navegações: português arcaico, português brasileiro, cultura escrita no Brasil, outros estudos*. Em homenagem a Therezinha Barreto. Salvador; EDUFBA, p.79-513, 2012b.

ARGOLO, Wagner. Colonização e Língua Geral: o caso do sul da Bahia. *PAPIA*, 23(1):, 2013, p.75-96.

ARGOLO, Wagner. *História linguística do Sul da Bahia (1534-1940)*. Salvador, Tese Doutorado em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, 2015.

ARGOLO, Wagner. História linguística do Sul da Bahia: levantando hipóteses e iluminando caminhos. *Entrepalavras* 1(2): 270-292, 2012a.

ARGOLO, Wagner. *Introdução à história das línguas gerais no Brasil: processos distintos de formação no período colonial*. Salvador, Dissertação. Mestrado em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, 2011a.

ARGOLO, Wagner. Língua geral na Bahia: Comarcas de Ilhéus e Porto Seguro. In: Carvalho, Cristina dos Santos; Rocha, Flávia Aninger de Barros & Parceró, Lúcia Maria de Jesus (Orgs.) *Discurso e cultura: diálogos interdisciplinares*, Salvador; EDUNEB, p.99-109, 2011b.

BAXTER, Alan Norman. A contribuição das comunidades afro-brasileiras isoladas para o debate sobre a criouliização prévia: um exemplo do estado da Bahia. *Actas do colóquio sobre "Crioulos de Base Lexical Portuguesa"* E. by Ernesto d'Andrade e Alain Kihm, 7-35. Lisboa; Colibri, 1991.

- BAXTER, Alan Norman. Transmissão geracional irregular na história do português brasileiro: divergências nas vertentes afro-brasileiras. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, v. 14, p. 72-90, 1995.
- BESSA, Freire; José, RIBAMAR. *Rio Babel: a história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro; Atlântica, 2004.
- BESSA, Freire; José. RIBAMAR. As relações históricas entre o português e o nheengatu nos universos urbano e rural da Amazônia. In Noll, Volker & Dietrich, Wolf (Orgs.) *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo; Contexto, p. 183-209, 2010.
- BESSA, Freire; José. RIBAMAR. Língua Geral Amazônica: a história de um esquecimento. In: BESSA, Freire; José, RIBAMAR & ROSA, Maria Carlota (Orgs.) *Línguas gerais: política linguística e catequese na América do Sul no período colonial*, Rio de Janeiro; EDUERJ, p.195-207, 2003.
- CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Explorando a hipótese de Rodrigues sobre possíveis conexões genéticas Tupi e Macro-Jê. In: AMADO (Org.) R. de S. *Estudos em Línguas e Culturas Macro-Jê*. São Paulo: Paulistana, 2010, p. 115-142.
- CALMON, Pedro. *História da Casa da Torre: uma dinastia de pioneiros*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Línguas européias de ultramar: o português do Brasil*. Dispersos. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, p. 71-87, 1972.
- CÂNDIDA BARROS, Maria. Notas sobre a política jesuítica da língua geral na Amazônia (séculos XVII-XVIII). In: BESSA Freire.; José, RIBAMAR & ROSA, Maria Carlota (Orgs.) *Línguas gerais: política linguística e catequese na América do Sul no período colonial*, Rio de Janeiro; EDUERJ, p. 85-112, 2003.
- CÂNDIDA BARROS, Maria. O uso do tupi na Capitania de São Paulo no século XVII. Índícios na vida de um jesuíta “língua”. In Noll, Volker & Dietrich, Wolf (Orgs.) *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo; Contexto, p.141-153, 2010.
- CAPRISTANO DE ABREU, João. *Capítulos de história colonial: 1500 -1800 & os antigos povoamentos do Brasil*. 5ª. ed. Brasília, UnB, 1963, 337p. (1ª ed. 1907).
- CARDEIRA, E. *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*. Lisboa; Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- CARDEIRA, E. Revisitando a periodização do português: o português médio. *DOMÍNIOS DE LINGU@GEM*. Revista Eletrônica de Linguística, Ano 3, - nº 2 – 2º Semestre 2009. Disponível em: <www.dominiosdelingagem.org.br> . Acesso em 12 de março de 2012.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo : Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. São Paulo; Hedra, p. 173-217, 2009 [1925].
- CARNEIRO DA CUNHA, Manoela, (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo; Companhia das Letras, 1992.
- CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais e ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de. *Elementos para uma sócio-história do português o semi-árido baiano*. Comunicação apresentada no V Seminário para a História do Português Brasileiro, 2002.
- CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais e ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de. A criação de escolas a partir de critérios demográficos na Bahia do século XIX: uma viagem ao interior. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma Lúcia (Org.). *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: Edufba, 2, 2006. v. 2. p. 649-
- CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de. Elementos para uma sócio-história do semi-árido baiano. In: RAMOS, Jânia.; ALKMIM, Mônica A. *Para a história do português brasileiro: estudos sobre mudança lingüística e história social*. Belo Horizonte; Faculdade de Letras da UFMG, v.5, p. 423-442, 2007.
- SANTOS, M. R. A. dos. Fronteiras do sertão baiano : 1640-1750. 2010. 433 f. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Texto no prelo, aprovado para publicação pela Editora da Universidade de São Paulo (<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09072010-133900/pt-br.php>).

OBRIGADA